

Tráfico por uma causa: Uma análise histórica do envolvimento do governo cubano no tráfico de drogas no hemisfério ocidental

ALAN CUNNINGHAM

Introdução

O serviço de inteligência de Cuba tem demonstrado constantemente que possui um serviço de segurança eficaz, proficiente e capaz, no mesmo nível dos serviços dos Estados Unidos, Rússia e China. A nação insular de Cuba está tecnologicamente atrasada em relação à maioria das outras nações.¹ Além disso, encontra-se em situação de grande desvantagem econômica.² Além do mais, passou por mudanças políticas significativas nos últimos anos.³ No entanto, o serviço de inteligência e segurança da República ainda supera muitos outros e é certamente um adversário em pé de igualdade.

Historicamente, o caso Ana Montes é considerado uma das piores penetrações no governo dos EUA e talvez o maior perigo de contraespionagem (CI) na história dos EUA.⁴ No entanto, não é o único caso, já que outros exemplos de infiltração cubana incluem funcionários de longa data do Departamento de Estado dos EUA e do antigo Serviço de Imigração e Naturalização.⁵ Um indicativo das capacidades de Cuba são as recentes notícias e alegações de que o antigo embaixador dos EUA, Victor Manuel Rocha, que já foi o segundo em comando da Seção de Interesses Cubanos e conselheiro sênior do Comando Sul dos EUA (USSOUTHCOM), era um agente do governo de Cuba.⁶ Cuba não só está envolvida em operações de inteligência contra os EUA por meio de infiltrações, mas também por meio de alianças com a China e de ações de vigilância contra imigrantes cubanos.⁷

Cuba não apenas tem agido neste contexto, mas também de outras formas muito mais insidiosas de agir diretamente contra o seu principal antagonista, os Estados Unidos da América. Uma forma de fazer isso tem sido a utilização de narcóticos para enfraquecer e causar o caos entre a população dos EUA, aprofundar os laços com atores não estatais na América Latina e obter fundos adicionais para conduzir suas operações.

Os serviços de inteligência de Cuba e os narcóticos

É difícil identificar o momento exato em que Cuba se envolveu no tráfico de drogas. Há alguns indícios de envolvimento do governo ao longo da década de 1960 e no início da década de 1970, mas os registros públicos ou documentos históricos que atestam o fato são escassos. Alguns acadêmicos documentaram que Cuba fez do narcotráfico uma parte essencial da sua política desde 1961.⁸ No entanto, autoridades federais afirmam ter recebido relatórios dos serviços de inteligência ou ter encontrado provas desse envolvimento cubano ao longo da década de 1960.⁹ Desertores de serviços de inteligência estrangeiros do bloco oriental e agentes federais também afirmaram ter testemunhado ou ouvido diretamente informações relacionadas à direção ou envolvimento do serviço de inteligência cubano no tráfico de drogas.¹⁰

No entanto, há poucas provas adicionais e concretas ou corroboração destas alegações. As tentativas de acessar os documentos originais mencionados anteriormente ou gravações de áudio de operações secretas para corroborar estas alegações não tiveram êxito ou foram recusadas com base na segurança nacional; a maior parte das informações disponíveis baseia-se em informações de terceiros ou em boatos.

A primeira prova conclusiva do envolvimento de Cuba no tráfico de drogas surgiu em 1979, quando, segundo duas testemunhas do governo dos EUA, Jaime Guillot Lara e Johnny Crump (advogado colombiano e traficante de drogas) se encontraram com o embaixador de Cuba na Colômbia, Fernando Ravelo-Renendo, em 1975.¹¹ Este encontro foi o início de uma estreita amizade entre Crump e Revelo-Renendo.¹² Essa amizade cresceu e culminou com Crump se tornando padrinho da filha de Ravelo-Renendo.¹³

Inicialmente, Crump começou a transportar armas para os rebeldes que lutavam contra Augusto Pinochet no Chile, mas suas atividades logo se expandiram para além das armas.¹⁴ Em 1979, Crump apresentou Guillot-Lara (um proeminente traficante de drogas ligado à guerrilha urbana de esquerda Movimento 19 de abril) a Ravelo-Renendo e a Gonzalo Bassols, o seu segundo comandante na Embaixada de Cuba na Colômbia.¹⁵ Durante este encontro, foi estabelecida uma relação entre os três em que as drogas seriam traficadas para Cuba em troca de armas, um esquema de droga que “tinha sido autorizado” pelo próprio Fidel Castro.¹⁶

Segundo informantes do governo, testemunhas oculares que forneceram evidências do Estado e informações coletadas por meio de investigações criminais, aviões e navios carregados de drogas sob o comando de Guillot Lara seriam abrigados em Cuba para o transporte final para os EUA e também transportariam armas de fogo, armamento e outros materiais de Cuba para a Colômbia para

serem utilizados pelo Movimento 19 de abril (M-19).¹⁷ Além disso, Guillot Lara também “transferiu fundos” para os guerrilheiros do 19 de Abril através de um banco panamenho.¹⁸ Crump pessoalmente viajou em alguns dos aviões que iam da Colômbia para Cuba e lhe foi assegurado que as drogas foram deixadas em Cuba por Guillot Lara, conforme descrito em uma entrevista de 1991 à PBS *Frontline*:

“[Eu desembarquei] do avião [e entrei] em um carro do governo cubano que nos esperava no aeroporto. Quero dizer, é impossível viajar para qualquer país sem passaporte, sem nada disso, pousando de um outro país num aeroporto internacional e ter um carro à nossa espera ali mesmo no campo. Tem de ser com o OK desse governo, desse país... Tudo foi pago pelo governo de Cuba. No hotel, você precisava assinar, assim, como se fosse um convidado do governo de Cuba porque eles não me deixaram pagar pelo hotel”.¹⁹

De acordo com alguns acadêmicos (e parcialmente confirmado por um obituário de 2017), Ravelo-Renendo era um agente de inteligência e tinha fortes laços com o serviço de inteligência externa de Cuba.²⁰ Não é difícil de acreditar, dado o nível de interconectividade entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cuba e a máquina militar e de informações do governo.

A relação entre a embaixada cubana e os traficantes de drogas parecia ser bastante sólida, com drogas e armas sendo transportadas entre Cuba e Colômbia. De 1979 a 1981, durante um período de dois anos, a operação parecia correr sem problemas, rendendo centenas de milhares de dólares ao governo cubano.²¹ No entanto, em março de 1981, as autoridades colombianas prenderam alguns guerrilheiros do M-19 com armamento oriundo de Cuba, o que levou o governo colombiano a “[romper] as relações diplomáticas com Havana e [expulsar o embaixador Ravelo] e o seu pessoal”.²² De meados do verão até novembro de 1981, as Guardas Costeiras dos EUA e da Colômbia, em uma operação conjunta, interceptaram dois barcos e uma aeronave pertencentes e operados por Guillot Lara, que transportava armas cubanas destinadas ao M-19, juntamente com três guerrilheiros que forneceram informações adicionais sobre a missão de contrabando.²³

Outras operações prejudiciais foram as detenções de Crump e Guillot Lara, que revelaram as atividades de Cuba no Hemisfério Ocidental envolvendo o tráfico de drogas.²⁴ Além disso, Mario Esteves Gonzalez, um agente cubano detido em Nova York, forneceu informações ao governo dos EUA e testemunhou que “sua principal missão era a distribuição de cocaína, maconha e comprimidos de metaqualona [sic] em Nova York, no norte de Nova Jersey e na Flórida”.²⁵ Ele também testemunhou ter visto um oficial de alto escalão da Marinha de Cuba permitir “o descarregamento de narcóticos em [uma pequena ilha ao largo da costa norte de Cuba] trazidos por (...) Jaime Guillot Lara”.²⁶

Esta informação deu origem a uma investigação federal dos EUA que resultou em denúncias federais em novembro de 1982. A Procuradoria do Distrito Sul da Flórida (USAO-SDFL), em sua denúncia, afirmou que Jaime Guillot Lara, Fernando Ravelo-Renendo, Gonzalo Bassols, Aldo Santamaria-Cuadardo (o oficial da Marinha cubana mencionado por Estebes), e outros traficantes de drogas baseados em Miami e operações de inteligência cubanas:

“[eles] consciente, deliberada e ilicitamente combinaram, conspiraram, confederaram e concordaram, entre si e com diversas outras pessoas conhecidas e desconhecidas do Grande Júri, para cometer certos delitos contra os Estados Unidos [e, na importação e posse de comprimidos de metaqualona e maconha] (...) utilizou e fez utilizar meios de comércio interestadual e estrangeiro, incluindo o telefone, e viajou e fez com que outros viajassem em comércio interestadual e estrangeiro entre o Distrito Sul da Flórida, Colômbia, Cuba e outros lugares, com a intenção de promover, gerenciar, estabelecer, realizar e facilitar a promoção, gestão, estabelecimento e exercício de uma atividade ilegal, a referida atividade ilícita é uma empresa comercial envolvendo substâncias controladas.”²⁷

Em troca da sua cooperação e testemunho, tanto Crump como Estebes não foram denunciados, uma vez que obtiveram imunidade total ou parcial, para além de (presumivelmente*) transferência, novas identidades e proteção federal dos EUA. Guillot Lara, enquanto aguardava a extradição do México para os Estados Unidos, aparentemente fugiu para Cuba, onde teria morrido em 1991, após uma longa detenção.²⁸

Enquanto esta denúncia progredia e a atenção federal se concentrava no envolvimento de Cuba no tráfico de drogas durante a década de 1980, o tráfico de drogas proveniente de Cuba para os Estados Unidos continuava inalterada. Os contínuos depoimentos no Congresso dos EUA e os informantes do governo corroboravam as alegações já apresentadas por Guillot Lara, Crump, Estebes e outros traficantes de drogas da Florida citados na denúncia.²⁹ Juntamente a este esforço, a Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA investigou as alegações ao longo da década de 1980, tal como foi revelado pela primeira vez em um relatório de conferência de agosto de 1982 para o Conselho Nacional de Inteligência (NIC), que afirmava:

“[devido ao envolvimento de figuras de alto nível do governo] acreditamos que esta atividade foi aprovada ao mais alto nível do Governo de Cuba. É quase certo

*Embora o autor tenha tentado, através de entrevistas e de pedidos de acesso com base na Lei da Liberdade de Informação (FOIA), conhecer o paradeiro ou eventual situação de Crump e Estebes, essas tentativas foram infrutíferas e não resultaram em mais informações sobre nenhum dos indivíduos após meados da década de 1980.

que não se tratou de um caso de corrupção por parte de funcionários cubanos de nível médio ou baixo... Dado o nível dos contatos de Guillot em Cuba e as implicações políticas dos acordos, é quase certo que a operação foi aprovada pelo mais alto nível do governo de Havana”.³⁰

À medida que as provas do envolvimento cubano aumentavam e cresciam com investigações adicionais, o assunto atingiu um ponto de ebulição durante o período que antecedeu a denúncia do Grande Júri contra o ditador panamenho General Manuel Noriega (que acabou resultando na Operação Causa Justa de 1989 para retirá-lo do poder), que incluía depoimentos de testemunhas oculares.³¹ Após a denúncia, as alegações de corrupção no governo cubano e de sanção oficial ao tráfico de drogas tornaram-se demasiadamente graves e ameaçadoras para serem ignoradas pelos legisladores cubanos.

Em junho de 1989, Cuba prendeu e indiciou 14 membros do serviço de inteligência e do alto comando militar de uma série de crimes, incluindo traição, lavagem de dinheiro e tráfico de drogas.³² Estes indivíduos incluíam não apenas cubanos que durante muito tempo foram acusados por desertores e informantes do governo dos EUA de estarem envolvidos no tráfico de drogas, mas também heróis nacionais como o General Arnaldo Ochoa Sanchez.³³

No mesmo mês, realizou-se um julgamento público com transmissão pela rede nacional de televisão, durante o qual todos os indivíduos acusados pelos tribunais confessaram os seus crimes. Sete deles (incluindo Ochoa) foram condenados à morte e os outros sete receberam penas de prisão que variaram entre quinze e trinta anos.³⁴ Os sete condenados à morte foram executados por um pelotão de fuzilamento alguns dias depois.³⁵ Além disso, alguns dias depois, outros altos dirigentes dos serviços de inteligência e das forças militares de Cuba também foram presos.³⁶ Estes altos dirigentes foram depois substituídos por indivíduos escolhidos a dedo por Fidel e Raul Castro.³⁷

Estas mudanças significativas nos serviços de inteligência e nas forças militares de Cuba, que continuaram na década de 1990, causaram um declínio no tráfico de drogas. Em meados da década de 90, autoridades policiais dos EUA testemunharam perante o Congresso que não havia evidências de novas sanções oficiais ao tráfico de narcóticos pelo governo cubano; a experiência de Cuba com o tráfico de drogas tinha chegado ao fim de forma pública, dramática e humilhante.

A culpabilidade dos irmãos Castro

Ao longo das investigações criminais federais, audiências no Congresso e reportagens do jornalismo investigativo sobre o assunto, muito se discutia sobre a culpabilidade de Fidel e Raul Castro na imprensa, com alguns indicando que ambos

deviam ter conhecimento e outros afirmando que o julgamento era uma farsa, destinada a eliminar inimigos políticos.³⁸ Alguns desertores do serviço de inteligência de Cuba também afirmaram ter ouvido conversas, encontrado evidências que indicavam o envolvimento dos irmãos Castro ou, de outra forma, tinham evidências diretas de supostas reuniões em que Castro e outros discutiam o tráfico de drogas e operações de produção.³⁹

Em 1984, a CIA fez uma declaração clara e inequívoca em um memorando significativamente censurado do serviço de inteligência interagências. Embora sem identificar quem estava exatamente por trás da operação ou qual era o seu objetivo exato, a CIA declarou:

“Cuba apoia atualmente o narcotráfico... Entendemos que Fidel Castro está plenamente consciente e tolera a atividade relacionada com as drogas que ocorre com o apoio das autoridades cubanas... Os principais participantes cubanos são oficiais do Ministério do Interior ou do Departamento América do Comitê Central do Partido Comunista Cubano... A sua participação indica fortemente uma política governamental sancionada, em vez de um acordo para ganho pessoal.”⁴⁰

Brian Latell, analista de longa data da CIA e especialista em assuntos da América Latina da agência, escreveu um memorando expressando a sua “interpretação pessoal dos desenvolvimentos recentes” em julho de 1989, após as execuções, no qual afirmou:

“É improvável que Castro microgerencie qualquer outro domínio de forma tão completa como a clandestinidade, os serviços de inteligência e as operações especiais que o fascinam... Dadas as suas propensões e interesses, parece bastante improvável que Castro não tenha aprovado e dirigido cuidadosamente o envolvimento do Departamento de MC da MININT no tráfico de drogas”, ao mesmo tempo que argumenta que Castro orquestrou todo este julgamento para “Eliminar um general popular e distinto [Ochoa] que de alguma forma tinha desafiado a autoridade do regime, e fazer de Ochoa e dos outros réus exemplos para qualquer outra pessoa que questionasse a sua hegemonia... Evitar a responsabilidade pessoal pelas acusações mais condenáveis [ajudar os traficantes de drogas] que mancharam a reputação internacional de Cuba... Melhorar a imagem e a capacidade de manobra dele e de Cuba internacionalmente, adotando uma campanha agressiva e justa contra o tráfico de drogas... Estabelecer uma base para melhorar as relações de Cuba com os Estados Unidos, com o especial intuito de conseguir alívio antecipado do embargo econômico... [e] Melhorar as relações muito tensas de Cuba com Moscou.”⁴¹

Certamente, a CIA parece estar convencida de que os Castros tinham conhecimento dos esforços do tráfico de drogas desde 1984 e esta opinião é refletida não apenas pelos desertores acima mencionados dos serviços de inteligência de Cuba

e de outros países latino-americanos, mas também por organizações sem fins lucrativos, acadêmicos, antigas autoridades policiais federais e analistas e oficiais de casos aposentados da CIA. Na época, era consenso entre muitos indivíduos que os julgamentos do tráfico de drogas de 1989 eram simplesmente encenações: que um resultado pré-determinado já tinha sido decidido e que os Castros o fizeram para evitar qualquer culpa nacional ou negar qualquer responsabilidade pessoal.⁴²

No início da década de 1990, após o julgamento de Noriega e trabalhando com as informações e depoimentos de testemunhas coletadas, o USAO-SDFL considerou a possibilidade de denunciar várias autoridades cubanas de “conspiração e extorsão por supostamente fornecer passagem segura para cargas de cocaína do cartel de Medellín” no espaço aéreo cubano e por meio de vias navegáveis.⁴³ No entanto, nenhuma denúncia foi adiante, já que os promotores se sentiram desconfortáveis diante do “testemunhos duvidosos de traficantes de drogas confessos”.⁴⁴ Para piorar a situação, os investigadores federais não conseguiram encontrar informações credíveis além de “grandes expectativas e boatos [como evidências]”.⁴⁵ Do ponto de vista jurídico, as provas dificilmente eram suficientes para fazer uma denúncia e certamente teria sido um caso difícil de provar em tribunal, para não mencionar as questões políticas associadas a um caso dessa envergadura.

No entanto, outros, incluindo o chefe da Seção de Interesses de Cuba do Departamento de Estado dos EUA na época, analistas latino-americanos de carreira da CIA e autoridades policiais na Florida, têm afirmado que, embora seja possível que Fidel ou Raul Castro soubessem, com base em informações privilegiadas cubanas e inteligência coletada, os julgamentos não se destinavam a eliminar uma ameaça política.⁴⁶ Richard Gregorie, o principal advogado da USAO-SDFL durante as denúncias de 1982, tendo deixado o Ministério Público no início de 1989, apurou por meio da sua própria “experiência e interpretação” que “Ochoa e outras autoridades cubanas estavam traficando drogas, não necessariamente sem o conhecimento de Castro, mas sem a sua aprovação.”⁴⁷

Naturalmente, dados os níveis de sigilo que os governos de Cuba e dos EUA têm em relação aos seus registros e documentos de inteligência, é impossível ter uma visão clara e completa do envolvimento de Fidel e Raul Castro. Sem analisar os registros que atualmente estão classificados como confidenciais ou selados ao público, não é possível fazer uma avaliação segura da culpabilidade ou do nível total de envolvimento de cada indivíduo no tráfico de drogas. É certo que, por meio de uma leitura superficial das evidências contra Fidel e Raul Castro, parece que a sua culpa está assegurada. No entanto, sem provas para além de insinuações ou provenientes de indivíduos com muito a ganhar com a revelação de detalhes incriminatórios, seria difícil afirmar concreta e autoritariamente que Fidel ou Raul

Castro aprovaram o envolvimento cubano no tráfico de drogas para além do período de 1979 a 1981.

A rede de tráfico de drogas de Cuba como estratégia de segurança nacional

O envolvimento de Cuba no comércio de drogas é um exemplo fascinante de realização de vários objetivos de política externa por meio de ações secretas. Este artigo, por uma questão de simplicidade, examinará as ações de Cuba entre 1979 e 1981. Durante este período, Cuba utilizou traficantes/contrabandistas para transportar armas para grupos guerrilheiros ideologicamente alinhados em toda a América Latina, enquanto dava passagem segura e servia como um centro para traficantes de drogas a caminho dos EUA – tal política realizou muitos objetivos para Cuba.

Primeiro, ao utilizar traficantes de drogas para transportar suas armas, Cuba utilizou com sucesso um ator não estatal para transportar armamento e material muito necessários para um outro ator não estatal que Cuba desejava apoiar. Esta prática minimizou o risco direto para o próprio pessoal de Cuba enquanto proporcionava uma camada adicional de ocultação ao envolvimento de Cuba, ao mesmo tempo em que ainda eram capazes de coordenar as operações e delegar tarefas a indivíduos com muito mais habilidades, recursos e conhecimentos para passarem despercebidos pelas agências governamentais e policiais.

Em segundo lugar, a garantia de um fluxo consistente de drogas para os EUA (principalmente através da Flórida, mas também por Nova Jersey, Nova York e outros importantes portos de entrada) distraía as agências e desviava recursos do governo local, estadual e federal de outras questões urgentes para combater mais diretamente a proliferação de drogas e outras formas associadas de crime que se seguiram. Assegurou também o desvio de fundos destinados a reabilitação e forças-tarefa de combate ao narcotráfico; reduzindo assim os fundos disponíveis para outros esforços de justiça criminal e de segurança nacional, como serviços de contrainteligência. Além disso, a propagação da dependência foi concebida para desestabilizar famílias e comunidades inteiras.

Do ponto de vista cubano, este era exatamente o tipo de reação esperado e constituía uma enorme vitória psicológica, uma vez que prejudicaria diretamente indivíduos americanos e suas comunidades, desviaria fundos e recursos federais e estaduais de outras políticas que poderiam afetar Cuba negativamente e (no caso de um conflito armado) poderia ser usado para desarmar uma força inimiga em potencial. Do ponto de vista político, Cuba poderia também apontar para o fluxo de drogas e proclamar que este é um problema puramente dos EUA, desencadeado

pela indulgência capitalista e pelo excesso, ao mesmo tempo que observava que Cuba não tinha tais problemas. Isso não só lhes permitiria, internamente, ganhar um melhor nível de auto importância no Hemisfério Ocidental, como permitiria ao país crescer para além da sombra da União Soviética e se tornar uma potência regional por direito próprio.

Por fim, esta estratégia teria proporcionado a Cuba a tão necessária renda de longo prazo. A Guerra Fria, nesta altura, ainda estava em curso e cheia de momentos intensos, mas claramente desacelerando com a ascensão de Gorbachev, o longo período da União Soviética no Afeganistão e uma economia em declínio. Desejando não continuar dependente financeiramente da União Soviética, Cuba precisava encontrar outras formas de renda e, ao proporcionar passagem segura aos traficantes de drogas, obteve uma parte dos lucros das vendas de drogas nos EUA.

Em suma, a execução bem sucedida desta estratégia teria sido capaz de proporcionar a Cuba 1) abastecer atores não estatais ideologicamente alinhados e difamados em países estrangeiros onde estava em curso uma revolução proletária, 2) fazer guerra contra o seu principal inimigo ideológico e físico, e 3) ganhar dólares dos EUA e mais renda em um momento em que desejavam ser vistos como independentes de superpotências benfeitoras. Esta política de permitir o tráfico de drogas em troca de carregamentos de armas permitiu a Cuba realizar uma série de políticas fundamentais de uma forma engenhosa que limitou o seu próprio envolvimento pessoal e o risco de ser descoberta.

No entanto, este teria sido o melhor cenário possível e, claramente, o envolvimento de Cuba foi bem sucedido apenas durante um curto período de tempo e acabou por se desfazer. Entre março e novembro de 1981, toda a operação realizada por Cuba se desfez e teve graves consequências; não só foi revelado ao mundo que traficantes de drogas da Colômbia estavam transportando armas em nome de Cuba para as guerrilhas de esquerda, como a Colômbia expulsou toda a equipe diplomática de Cuba do país e prejudicou gravemente as relações oficiais entre os dois países.

É convicção deste autor, com base nas evidências disponíveis, que, de 1979 a 1981, Cuba coordenou missões de tráfico de drogas com traficantes de drogas colombianos, com o conhecimento de Fidel/Raul Castro. No entanto, quando a operação foi descoberta e a missão cubana na Colômbia recebeu ordens de partir, o governo cubano acabou por suspender todas as operações. Em algum momento entre 1982 e 1984, os irmãos Castro deixaram de ter o tráfico de drogas como política oficial, mas permitiram que agentes de inteligência de nível inferior, oficiais militares e outros se envolvessem em tais atividades, uma vez que isso ainda contribuía para os seus objetivos gerais de política externa. Em 1989, quando se tornou claro que isto representaria um problema político para o governo cubano,

os Castros tomaram medidas para se distanciarem, prendendo e condenando os principais conspiradores. Fizeram isso não para eliminar ameaças políticas, mas para ocultar as suas próprias operações clandestinas durante o período de dois anos no início da década de 1980.

O motivo mais provável para abandonar esta estratégia foi que, embora o tráfico de drogas tenha tido sucesso durante um curto período de tempo, as consequências foram enormes. Cuba não só perdeu as relações diplomáticas oficiais com a Colômbia e teve a sua operação clandestina revelada, como ficou evidente que estas operações não foram tão bem-sucedidas economicamente como inicialmente desejado. Um dos traficantes de drogas originalmente indiciados em 1982, David Lorenzo Perez, prestou depoimento perante o Congresso que, embora Cuba “recebesse um terço do lucro da venda da maconha”, Guillot Lara ficou com o lucro de quase meio milhão para si.⁴⁸ Assim, o único sucesso real da estratégia foi fazer guerra contra a população dos EUA, uma estratégia que Cuba poderia facilmente executar por meio de muitas outras operações menos arriscadas e discretas.

Fulton Armstrong, um analista de carreira da CIA com muita experiência na América Latina, foi preciso ao culpar Castro por dar aos seus subordinados amplo espaço para conduzirem operações secretas ou clandestinas com um mínimo de supervisão, afirmando que Castro “devia saber que havia criado um sistema em que eles podiam abusar desse poder”.⁴⁹

Conclusão

O envolvimento de Cuba no tráfico de drogas revela muito sobre a forma como os serviços de inteligência de Cuba pensam, operam e funcionam em operações secretas e clandestinas. Demonstra a propensão dos serviços de inteligência cubanos para conceber missões que ocultam o seu envolvimento oficial, a sua capacidade de fazer incursões com atores não estatais que podem se mostrar capazes e eficazes (até certo ponto), e a sua capacidade de alcançar vários objetivos militares e de política externa ao mesmo tempo, gastando poucos recursos, tempo e energia. Embora a operação tenha sido descoberta com alguma rapidez, não foi culpa dos agentes dos serviços de inteligência cubanos ou do alto comando, mas daqueles que contrataram para realizar o trabalho.

O uso de drogas e narcóticos por Cuba para semear o caos entre os seus inimigos e alcançar os seus objetivos de política externa na América Central e do Sul é verdadeiramente exemplar e eles merecem crédito por desenvolverem um plano clandestino tão magistral para alcançar tantos objetivos ao mesmo tempo. No entanto, este caso também deve servir de alerta para se ter cuidado no planejamento e garantir sempre que as pessoas com quem um serviço de inteligência está trabalhando podem cumprir a missão. Além disso, o envolvimento de redes

criminosas ilícitas exige indivíduos incorruptíveis e não susceptíveis aos seus próprios vícios. Se tivesse havido uma supervisão e controle adequados, é muito provável que a missão clandestina de Cuba tivesse permanecido na clandestinidade e fosse apenas objeto de insinuações veladas e obscuras.

Com as recentes penetrações profundas de Cuba no governo dos EUA, é importante lembrar que os aparelhos militar e de inteligência de Cuba são excepcionais e, apesar dos conflitos políticos em curso no país insular, são capazes de realizar operações muito complexas e eficazes. Os seus serviços são capazes de penetrações profundas, de atividades secretas multifacetadas e estão sempre dispostos e prontos a lutar contra o seu adversário de longa data, os EUA. O aparato de segurança de Cuba não deve ser subestimado; na verdade, superestimá-lo serviria melhor à Comunidade de Inteligência dos EUA. □

Notas

1. “Cuba,” *The Heritage Foundation*, Outubro de 2023, <https://www.heritage.org/index/country/cuba>.

2. “Cuba,” *Freedom House*, 2021, <https://freedomhouse.org/country/cuba/freedom-net/2021>.

3. Patrick Oppmann, “Cuba faced biggest protests since the revolution. One year on, the government’s grip is tighter than ever,” *CNN*, 14 de julho de 2022, <https://www.cnn.com/2022/07/11/americas/cuba-protest-anniversary-intl-latam/index.html>; Will Freeman, “Why the Situation in Cuba Is Deteriorating,” *Council on Foreign Relations*, 25 de abril de 2023, <https://www.cfr.org/in-brief/why-situation-cuba-deteriorating>.

4. Jim Popkin, “Ana Montes did much harm spying for Cuba. Chances are, you haven’t heard of her,” *The Washington Post*, 18 de abril de 2013, <https://www.washingtonpost.com/sf/feature/wp/2013/04/18/ana-montes-did-much-harm-spying-for-cuba-chances-are-you-havent-heard-of-her/>.

5. Frank James, “Ex-State Dept. Official Gets Life In Prison As Cuban Spy,” *Rádio Pública Nacional*, 16 de julho de 2010, <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2010/07/16/128566062/ex-state-dept-official-gets-life-as-cuban-spy>; Rick Bragg, “I.N.S. Official Is Convicted On Charges Of Espionage,” *The New York Times*, 31 de maio de 2000, <https://www.nytimes.com/2000/05/31/us/ins-official-is-convicted-on-charges-of-espionage.html>.

6. Calder Walton, “A US ambassador working for Cuba? Charges against former diplomat Victor Manuel Rocha spotlight Havana’s importance in the world of spying,” *The Conversation*, 15 de dezembro de 2023 <https://theconversation.com/a-usambassador-workingfor-cuba-charges-mbasador-working-for-cuba-charges-against-former-diplomat-victor-manuel-rocha-spotlight-havanas-importance-in-the-world-of-spying-219360>.

7. Xiaoshan Xue, “Analysts: China’s Plans for Cuba May Go Beyond Spy Base,” *Voice of America*, 29 de junho de 2023, <https://www.voanews.com/a/analysts-china-s-plans-for-cuba-may-go-beyond-spy-base/7159210.html>; Adam Taylor, “Meet the ‘Cuban Five’ at the center of the blockbuster U.S. announcement on Cuba,” *The Washington Post*, 17 de dezembro de 2014, <https://www>

.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/12/17/meet-the-cuban-five-at-the-center-of-the-blockbuster-u-s-announcement-on-cuba/.

8. Rachel Ehrenfeld, *Narcoterrorismo* (New York, NY: Basic Books, 1990), 24-25.

9. William L. Marcy, *The Politics of Cocaine: How U.S. Foreign Policy Has Created a Thriving Drug Industry in Central and South America* (Chicago, IL: Chicago Review Press, 2010), 91-93; "U.S. Jails 2 in Narcotics Case; One Reported Close to Castro," *The New York Times*, 2 de junho de 1962, <https://www.nytimes.com/1962/06/02/archives/us-jails-2-in-narcotics-case-one-reported-close-to-castro.html?searchResultPosition=12>.

10. Emilio T. González, "The Cuban Connection: Drug Trafficking and the Castro Regime," *CSA Occasional Paper Series*, Vol. 2, No. 6, 1997, 01-02, https://scholarship.miami.edu/discovery/delivery?vid=01UOML_INST:ResearchRepository&repId=12355424610002976#13355471490002976; Entrevista com Mike Powers (Agente Residente Encarregado aposentado do DEA), em discussão com o autor, 20 de dezembro de 2020.

11. Ernest Volkman, "The Odd Couple: Castro and Vesco: The Cocaine Alliance," *The Gadsden Times*, 29 de abril de 1984, <https://news.google.com/newspapers?nid=1891&dat=19840428&id=jKkFAAAAIBAJ&csjId=etYEAAAIAI&pg=5242,6122535>.

12. John Dorschner & Jim McGee, "Did the Castro Regime Run Drugs to Florida?" *Tropic Magazine*, *The Miami Herald*, 20 de novembro de 1983, <http://www.latinamericanstudies.org/cuba/crump.htm>.

13. Roger Mudd, Brian Moss, Johnny Crump, and George H.W. Bush, "The Cuban Connection," transcript, *NBC Nightly News*, exibido em 29 de setembro de 1982, Rede NBC, <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP88-01070R000100380010-3.pdf>.

14. John Dorschner & Jim McGee, "Did the Castro Regime Run Drugs to Florida?"

15. LT Timothy J. Doorey, USN, "The Cuban Interventionary Forces: The Growing Strategic and Regional Threat to the United States and NATO," (Monterey, CA: Escola Naval de Pós-Graduação, dezembro de 1986), 115, <https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA180123.pdf>.

16. Hon. Tom Lewis, "Cuba's Active Role in Drug Trafficking to the United States," Extensions of Remarks, 98th Cong., 1st sess., Congressional Record 130, pt. 24B: 10400, 30 de abril de 1984, <https://www.govinfo.gov/content/pkg/GPO-CRECB-1984-pt8/pdf/GPO-CRECB-1984-pt8-2-3.pdf>.

17. Leslie Maitland Werner, "U.S. Officials Link Castro and Drugs," *The New York Times*, 10 de novembro de 1983, <https://www.nytimes.com/1983/11/10/us/us-officials-link-castro-and-drugs.html>.

18. Colleen Sussman, Ed., *Cuban Support for Terrorism and Insurgency in the Western Hemisphere*, Departamento de Estado dos EUA, (Washington, DC: Departamento de Relações Públicas, 12 de março de 1982), 2, <https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00076429/00001>

19. Stephanie Tepper & William Cran, "Cuba and Cocaine," PBS Frontline, Temporada 09, Episódio 10, exibido em 05 de fevereiro de 1991, <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/film/cuba-and-cocaine/>.

20. Alfredo García, "Cuban internationalist veteran Fernando Ravelo dies," *Prensa Bolivariana*, 4 de julho de 2017, <https://prensabolivariana.org/2017/07/04/fallece-veterano-internacionalista-cubano-fernando-ravelo/>; Ehrenfeld, *Narcoterrorismo*, 29-30.

21. Ehrenfeld, *Narcoterrorismo*, 29-30.

22. Nathan M. Adams, "Havana's Drug-Smuggling Connection," *Reader's Digest*, Julho de 1982, <http://www.latinamericanstudies.org/cuba/drugs.htm>

23. Dorschner & McGee, “Did the Castro Regime Run Drugs to Florida?”
24. Edna Buchanan, “Miami drug smuggler ran drugs for Castro to guerillas, agents say,” *Miami Herald*, 24 de janeiro de 1982, <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP90-00552R000303490005-9.pdf>; Dorschner & McGee, “Did the Castro Regime Run Drugs to Florida?”
25. Alex Larzelere, *Castro’s Ploy-America’s Dilemma: The 1980 Cuban Boatlift* (Fort. Lesley J. McNair: Universidade de Defesa Nacional, 1988), 229-230, https://media.defense.gov/2020/Apr/23/2002287258/-1/-1/0/LARZELERE_MARIEL_BOATLIFT.PDF.
26. Selwyn Raab, “A Defector Tells of Drug Dealing by Cuban Agents,” *The New York Times*, 4 de abril de 1983 <https://www.nytimes.com/1983/04/04/nyregion/a-defector-tells-of-drug-dealing-by-cuba-agents.html>
27. “United States v. Jaime Guillot Lara et al.,” (Southern District, Flórida: Tribunal Distrital dos Estados Unidos, 5 de novembro de 1982), No. 82-643-Cr-JE, <http://www.latinamericanstudies.org/drugs/indictment-82.htm>.
28. Staff, “Guillot Died of a Infarction,” *El Tiempo*, 13 de abril de 1991, <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-61284>.
29. Comissão dos Assuntos Governamentais, “Structure of International Drug Trafficking Organizations,” Senado dos EUA, 101st Cong., 1st Sess., 12-13 de setembro de 1989, 70-73, <https://www.ojp.gov/pdffiles1/Digitization/146771NCJRS.pdf>; Drug Enforcement Administration, “REQUEST for PAYMENT under 28 U.S.C. 524 (C)(1)(B) for CONFIDENTIAL SOURCE,” Departamento de Justiça dos EUA, <https://www.law.cornell.edu/uscode/text/28/524>.
30. Direção de Operações, “Cuban Involvement in Narcotics and Terrorism,” (Langley, VA: Conselho Nacional de Informações e Agência Central de Informações, Agosto de 1982), 3, <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP83B00851R000100160008-1.pdf>.
31. Comissão de Relações Externas, Subcomissão de Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais “Drugs, Law Enforcement, and Foreign Policy: A Report,” Senado dos EUA, 100th Cong., 2nd Sess., Dezembro de 1988, 66.
32. Robert Pear, “Cuba Seizes 6 More Officers Amid Signs of Big Shakeup,” *The New York Times*, 17 de junho de 1989, <https://www.nytimes.com/1989/06/17/world/cuba-seizes-6-more-officers-amid-signs-of-big-shakeup.html>.
33. Stephanie Tepper & William Cran, “Cuba and Cocaine.”
34. “Cuban Government Proceedings Against Arnaldo Ochoa-Sanchez and Other Officials,” Foreign Broadcast Information Service, JPRS-LAM-89-003, 25 de julho de 1989, 44 & 187, https://archive.org/details/jprs-report_jprs-lam-89-003/page/3/mode/2up.
35. Julia Preston, “The Trial that Shook Cuba,” *The New York Review*, 7 de dezembro de 1989, <https://www.nybooks.com/articles/1989/12/07/the-trial-that-shook-cuba/>.
36. Isaac A. Levi, “Five Senior Cuban Officers Arrested in Drug Scandal,” *Associated Press*, 31 de julho de 1989, <https://apnews.com/article/0782d185225919535cf3aa518ed550a9>.
37. Dirk Kruijt, *Cuba and Revolutionary Latin America: An Oral History* (London, UK: Zed Books, 2017), 183.
38. Robert Pear, “Cuba Discloses A Drug Network Of Top Officials,” *The New York Times*, 24 de junho de 1989, <https://www.nytimes.com/1989/06/24/world/cuba-discloses-a-drug-network-of-top-officials.html>; Emmanuel Amara et al., “The Cuba Libre Story - Secrets and Sacrifices,” Temporada 1, Episódio 7, 11 de dezembro de 2015, <https://www.netflix.com/title/80109535>.

39. Juan Reinaldo Sánchez and Axel Gylden, *The Double Life of Fidel Castro: My 17 Years as Personal Bodyguard to El Líder Máximo* (New York, NY: St. Martin's Griffin, 2015), 230; Robert L. Jackson, "Cartel Leader Reveals Secrets of Drug World," *The Los Angeles Times*, 21 de novembro de 1991, <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1991-11-21-mn-404-story.html>; Richard Cole, "Former Aide Tells of Drug Cash, Castro, and Prostitutes," *Associated Press*, 24 de setembro de 1991, <https://apnews.com/article/0b7fcac1c0842630af2d1cc758ab1acd>.

40. Direção de Operações, "Cuban Involvement in Narcotics and Terrorism," 3.

41. Brian Latell, *Fidel Castro's Deepening Crisis: The Implications of the "Ochoa-De La Guardia Affair"*, (Washington, DC: Conselho Nacional de Inteligência, 13 de julho de 1989), 4-6, https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0001092230.pdf.

42. Peter A. Lupsha, "Cuba's Recent Involvement in Drug Trafficking: The Ochoa-La Guardia Cases," US Department of Justice National Criminal Justice Reference Service Virtual Library, 1991, <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/cubas-recent-involvement-drug-trafficking-ochoa-la-guardia-cases>.

43. Curt Anderson, "Raul Castro faced U.S. drug inquiry," *Ocala Star Banner*, 18 de agosto de 2006, <https://www.ocala.com/article/LK/20060818/News/604240377/OS>.

44. Curt Anderson, "Raul Castro faced U.S. drug inquiry."

45. Staff, "DEA investigating top Cubans in drug case," *The Tampa Bay Times*, 8 de outubro de 2005, <https://www.tampabay.com/archive/1993/01/06/dea-investigating-top-cubans-in-drug-case/>.

46. Chefe da Seção de Interesses dos EUA John J. Taylor, entrevistado por Charles Stuart Kennedy, *Foreign Affairs Oral History Project*, The Association for Diplomatic Studies and Training, 25 de abril de 2000, 165, https://www.adst.org/OH%20TOCs/Taylor,%20John%20J.%20_Jay_.toc.pdf; Fulton Armstrong, Oficial de Inteligência Nacional para a América Latina, NSC, (Ret.), Entrevista com o autor, 13 de janeiro de 2021; Mike Powers, Agente Ecarregado, DEA, (Ret.), Entrevista com o autor, 20 de dezembro de 2020.

47. Richard "Dick" Gregorie (ex-Chefe de Narcóticos da USAO-SDFL), Entrevista com o autor, 8 de abril de 2021.

48. Subcomissão de Segurança e Terrorismo da Comissão do Poder Judiciário e da Subcomissão de Assuntos do Hemisfério Ocidental da Comissão de Relações Exteriores e da Bancada Antidrogas do Senado, "The Cuban Government's Involvement in Facilitating International Drug Traffic," Senado dos EUA, 98th Cong., 1st Sess., 30 de abril de 1983, 33, <https://search.library.wisc.edu/catalog/999652427402121>.

49. Fulton Armstrong, National Intelligence Officer for Latin America, NSC, (Ret.), Entrevista com o autor, 13 de janeiro de 2021.

Alan Cunningham

Estudante de doutorado no Departamento de História da Universidade de Birmingham, no Reino Unido. É licenciado pela Universidade de Norwich e pela Universidade do Texas em Austin.